

Consciência Negra

Esta professora no *campus* da Universidade de Pernambuco (UPE) em Garanhuns, em um espaço geográfico que congrega comunidades quilombolas remanescentes de palmares, localizado no agreste meridional do Estado de Pernambuco; Nordeste do Brasil cuja cartografia temática congrega 06 comunidades, todas situadas na zona rural, de origem dos palmares; Castainho, Caloete, Tigre, Estivas, Timbó e Estrela, representa um campo de pesquisa muito importante para os que discutem essa linha de pesquisa.

Vivemos o momento histórico de redefinição no Brasil para os afro-brasileiros com ações voltadas para reivindicações das comunidades quilombolas, cujos estudos a partir de noções pré-construídas, multifacetados da história da escravidão ganharam novos discursos sobre o conceito de América Latina e sua formação ao longo de um processo histórico.

Nesse recorte temporal, entre o regime escravista e a situação de desvantagem socioeducacional que subtrai a capacidade crítica de avaliar o racismo silencioso, que traz para o debate a Diáspora Africana, na contemporaneidade, cuja lógica da articulação representava a lógica hegemônica capitaneada pela Espanha e Portugal neste a colonização e dominação no sistema mundo colonial que representam significados de interesses que sustentam as matrizes das relações sociais de poder e o silenciamento dos povos que aqui habitavam e os povos vindos da África como escravos deportados para a América em detrimento de um eurocentrismo.

Os negros trazidos para o Brasil foram desumanizados e chamados de escravos, e que na realidade foram escravizados, e usurpados de sua cultura, identidade nomes de suas nações, títulos, idiomas, religiões e perderam toda sua noção de mundo e sociedade. Que para Quijano (2005) nenhum habitante do continente se chamou de negro, assim como os europeus se chamavam de brancos, esse conceito de raça se estabelece para o controle europeu sobre todas as formas de subjetividade e que essa distinção faz parte de um sistema maior de poder mundial que permanece até hoje.

Esse processo de subordinação com relação ao outro uma vez que a sua trajetória histórica retrata toda barbárie ao qual foram submetidos. E com o passar do tempo foram recriando seus traços culturais como uma forma

camuflada de se inserir na sociedade brasileira na medida em que foi conseguindo aprimorar seus costumes os adequando aos estabelecidos segundo a Europa e que mais tarde como fugitivos criaram os quilombos ou também chamados, de acordo com a região do Brasil, *mocambos* e seus membros de *quilombolas*, *calhambolas* ou *mocambeiro*. E hoje essas representações tem o significado geralmente de quilombolas, considerados como comunidades negras descendentes de africanos escravizados, que mantêm laços de identidade e pertencimento com o lugar e com suas ancestralidades em suas diferentes manifestações.

A transposição do negro da posição de escravo para o trabalho assalariado, não mudou em nada a situação desumana em que se encontrava no tempo da escravidão, pois passou de escravo de um senhor para a situação de trabalhadores muito pobres com pouca chance de progredir em um contexto de invisibilidade humana em uma sociedade imposta pelo sistema colonial, dominada por latifundiários cheios de preconceitos e uma colonialidade de ser e do saber é o domínio do conhecimento branco representado em suas várias formas do ser do saber e do poder. As memórias gravadas em seus corpos por gerações e a marginalização sociopolítica a qual foram sujeitos por instituições imperiais diretas bem como por descendentes de europeus ainda se estabelece. O colonialismo foi substituído pela colonialidade e a modernidade é a outra face dessa mesma moeda.

Articular igualdade e diferença constitui um espaço de diálogo bastante complexo, mas o problema não é afirmar um polo e negar o outro, mas sim constituir uma visão dialética da relação entre igualdade e diferença, no sentido de que não se pode falar em igualdade sem incluir as questões relativas à diferença, nem se pode abordar temas relativos às políticas de identidade dissociadas da afirmação da igualdade principalmente no universo da escola.

A compreensão de que após a abolição da escravidão, uma aparente integração interétnica e inter-racial sustentou por muito tempo a ideia de uma 'democracia racial' no Brasil, criada para desmobilizar os movimentos negros, que já estavam se estruturando e que a ideologia da democracia racial, por muito tempo, povoou o imaginário social brasileiro e camuflou as desigualdades passando a imagem de harmonia racial e étnica a que os negros e negras foram, e ainda estão, submetidos, principalmente quando se

trata das questões da educação institucionalizada na intenção de dissolver as tensões e controlar as áreas de conflitos raciais. Historicamente, essa visão foi responsável por uma banalização das desigualdades entre brancos, índios e negros, as quais, somente nas últimas décadas, começam a sensibilizar a sociedade brasileira.

Esses grupos têm se caracterizado por resistência cada vez maior resultados das lutas históricas dos movimentos sociais políticos ancestrais organizados que vem denunciando injustiças, reivindicando suas identidades culturais principalmente no sistema de ensino marcado pela negação física ou simbólica no sentido de promover não apenas resgates de saberes, mas relações positivas entre distintos grupos culturais, de confrontar a discriminação, o racismo principalmente nos livros escolares e nas escolas e a exclusão, de formar cidadãos conscientes das diferenças e dos saberes outros

A necessidade de reconhecimento e visibilidade sobre a diversidade étnico-cultural mobiliza a sociedade por direitos renegados aos “outros” principalmente no âmbito da educação onde incluem políticas orientadas ao ingresso, permanência e sucesso na educação escolar, valorização das identidades culturais negras, incorporação nos currículos escolares e nos materiais pedagógicos de componentes próprios das culturas negras, assim como dos processos históricos de resistência vividos pelos grupos negros e suas contribuições histórica dos diferentes países.

Denize Aquino
Professora e pesquisadora da UPE